

Artigos

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: ESBOÇO DE ARTICULAÇÃO DE UMA TERAPÊUTICA PROFANA.

Luiz Gonzaga Braga Filho*

BRAGA FILHO, LG. Acompanhamento terapêutico. Rev. Ter. Ocup. USP, 2 (4):146-56, 1991.

RESUMO

Entendendo o Acompanhamento Terapêutico basicamente como uma companhia na ação, o autor procura analisar o contexto em que essa companhia se dá através de duas vertentes:

A) Buscando situar o lugar da ação na formação da subjetividade.

B) Buscando situar o contexto e a forma sob a qual uma companhia poderia aí incidir.

Utilizando-se das concepções de Jacques Lacan referentes ao "conhecimento paranóico", o autor proporá quatro escansões na narrativa do romance "Grande Sertão: Veredas", de João Guimarães Rosa. Essas escansões, tomadas como "pontos decisivos da articulação simbólica" do personagem Riobaldo, buscarão situar o Acompanhamento frente a outras estratégias de tratamento.

DESCRITORES

Terapia Psicanalítica, métodos. Relações interprofissionais.

Aos andarilhos trôpegos que, num gesto de sutil delicadeza, me permitiram acompanhá-los.

"Não devia de estar relembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo", Rosa⁶.

"Eu sei que isto que eu estou dizendo é difícil, muito entrancado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da garra que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder". (Rosa, 1963:96)⁶.

* Psicólogo no Hospital Dia "A CASA".

“Ao que? Não me dê, dês. Mais hoje, mais amanhã, quer ver que o senhor põe uma resposta. Assim, o senhor já me compraz. Agora, pelo jeito de ficar calado alto, eu vejo que o senhor me divulga”. (Rosa, 1963:106)⁶.

“Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e pode ser que o senhor saiba”. (Rosa 1963:217)⁶.

“Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda”. (Rosa, 1963:96)⁶.

Tendo surgido como prática clínica específica há cerca de 12 anos, o Acompanhamento Terapêutico revelou-se essencialmente disruptivo e questionador. Prática cujo campo de ação no social extrapola os rígidos limites ainda existentes entre a saúde e a loucura, mais que os reais muros dos hospícios o Acompanhamento instiga os muros do Imaginário Social. E numa nesga de mundo, num hiato de tempo e espaço que a prática se efetiva: é no interstício entre um mundo desnaturalizado e assignificado, e um mundo saturado de códigos, super-habitado de significações e de nomes, que o Acompanhamento se faz.

Agente de uma prática adversa a ambos estes mundos, anômala, o Acompanhamento habita um espaço espremido entre uma ausência e um excesso. Deve precaver-se de ambos ... esforçar-se por instalar e manter processo: por um lado consistindo um saber que instrumente sua prática: por outro evitando que essa prática seja capturada por um discurso totalizante qualquer (sabemos dos esforços em transformar o Acompanhamento em um auxiliar-psiquiátrico moderninho).

No analisar deste processo que a experiência do Acompanhamento cumpre por instalar, nos serviremos da fascinante tra-

vessia que nos proporciona a leitura do romance “Grande Sertão: veredas” ... donde extraímos as citações acima.

Aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de viver esta aventura: trata-se de um incessante discorrer ditado por Riobaldo, jagunço-letrado, a um suposto visitante cuja fala não aparece no texto e que, por isso mesmo, sugere ao leitor um discorrer monologante.

Assim, se formalmente o romance se apresenta como um longo monólogo de Riobaldo, travessão que se abre no primeiro parágrafo e que não se fecha até a última linha, na verdade transdiz um diálogo deste personagem-símbolo com o autor da obra. “Rosa não fala, mas sua palavra, expressão erudita de sua cultura, aparece sintetizada nas falas de Riobaldo, criando um filão que permite falar de uma antropologia da convivência, ou de uma antropologia cultural no Grande sertão”, Santos⁸

Apesar de não se fazer texto, não ser-lhe parte, o auxílio do interlocutor é seguidamente invocado ... o desconhecido neutro e pouco envolvido, a quem se pode dizer os maiores segredos.

“Por que é que Riobaldo quer transformar sua vida em texto? Para poder compreendê-la, porque a vida não é entendível” (Rosa, 1963:134 apud Galvão)¹

Pois se “Viver é muito perigosos” ... “Contar é muito, muito difíciloso”. Adentrando por esta via de leitura que Walnice Galvão¹ nos sugere: “Como bom letrado, ainda que letrado frustado, Riobaldo erige o texto em espaço privilegiado, lugar da verdade, da clareza, da coerência, de tudo aquilo que a razão aspira enquanto se debate na desordem do existir.

Não é gratuitamente que faz esta afirmação: “Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em erros, como um

relato sem pés nem cabeça (...)" (Rosa, 1963:232)⁶. A vida, portanto, é como se fosse um mau texto: um bom texto deve ter pés e cabeça.

O maior louvor que pode fazer a seu ouvinte é atribuir-lhe a qualidade de ser "fiel como papel", qualidade de pessoa e de caráter, e não elogio a seu preparo intelectual: "Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como o papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda". (Rosa, 1963:96)⁶.

"O Texto é aferidor da vida, e não o contrário..." "O fetiche do texto se mostra em sua maior nitidez quando o narrador se detém na descrição de Diadorim morto: "Não escrevo, não falo!...para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo!" (Rosa, 1963:563)⁷. Então o texto assume o nível do real e empurra o real para fora, de modo tal que passa a ser real aquilo que o texto instaura. Mas o narrador fala, e o interlocutor escreve, e assim fica sendo". (Galvão, 1972:88-91)¹

No decorrer do romance, dois tempos se mostram claramente mediados por um terceiro, que analisaremos, e que é esta suspensão do tempo em que Riobaldo transforma seu passado no ato de uma fala... este seu tempo de narrar. Grande Sertão: veredas é genialmente composto nesses dois tempos da narrativa; nesta estrutura bipolar necessariamente presente em toda a narrativa. No livro, podemos pensar um primeiro tempo como sendo o tempo, para Riobaldo, de um já saber, mas de um ainda não entender.

"O que eu não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia". (Rosa, 1963:460)⁶

Sendo que o hoje é esse tempo em que narra; e o naquele tempo é o tempo em que a ação se passa. Nesse primeiro tempo, portanto, já sabe... sabendo que sabe pode saber que não entende...e, falando, contanto isso

através desse relatar biográfico, desse relatar do já vivido, pode, por isso mesmo, passar a entender.

Um período que condensa esses polos: "De primeiro eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuia os prazos. Vivi pulando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem moi no aspr'o, não fantaséia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia. O Diabo existe e não existe?". (Rosa, 1963:11)⁶

Temos presente aqui um homo cogitandi que somente pode surgir com o desaparecimento do homo actuandi, ao qual substitui. Enquanto atuava, "fazia e mexia", não tinha tempo de pensar - "não possuia os prazos".

O "gosto de especular idéia" vem com a folga, tempo de "range rede". De vã utilidade seria buscarmos uma cadeia associativa à "range rede". Mas eu disse de vã? Eu disse divã? Sim que este é o tempo do trabalho analítico, e este não é o tempo do trabalho de Acompanhamento Terapêutico. Pois que a análise se dá neste tempo: tempo de narrar o javivido. Assim, podemos entender, através da análise dos tempos da narrativa, o Acompanhamento Terapêutico como uma estratégica clínica que não se confunde com a análise.

Pesquisar, então, a qualidade do Acompanhamento Terapêutico é pesquisar a qualidade de uma companhia na ação. No romance, iremos estudar a importância da ação que subjaz à fala de Riobaldo - fala que, como vimos só é possível neste tempo de já saber, mesmo que de ainda não entender. Mas como Riobaldo, em determinado momento, já sabe que sabe? Que ação, dele e dos outros, levam-no a saber que sabe?

Nosso interesse, pois, é o de pesquisar uma ação que conduz a um saber que possibilite uma fala. Pois, se já no começo do romance Riobaldo afirma: "O senhor saiba: em toda a minha vida pensei por mim, fôrro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo...", é no decorrer da narrativa que irá apossar-se desta verdade já aí afirmada.

No decorrer do romance, numa série de ações permeada pela questão de saber se o Diabo existe ou não, irá caminhar no sentido desse saber de si que, como mostraremos culmina numa antecipação, numa asserção de certeza antecipada. Lacan⁵

Essa asserção, que por sua vez coincidirá quase exatamente com a metade do romance, numa cena de extraordinária força dramática, será marcante para todo o desenvolvimento ulterior da narrativa - dividindo-a, mesmo, em duas partes bastante distintas.

A primeira parte, marcada por um conflito e uma dúvida, será permeada por uma linguagem que nos lembra a psicanalítica a respeito das pulsões: "Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum". (Rosa, 1963:12)⁶

Pois que nesse tempo, Riobaldo aceitava ser jagunço, aceitava as normas do grupo, embora reconhecendo-se "como todo o mundo", "envenenado do juízo" (Rosa, 1963:162)⁶

"Rixava com nenhum ali, aceitava o regime na mudez das normas" (Rosa, 1963:169)⁶.

Mostra-nos, então, nesse trecho do romance que antecede ao pacto com o Diabo, a opressão que sofre: "Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos" (Rosa,

1963:176)⁶. Mas nos diz, também, das dificuldades dessa liberação, e de como ela se faz pela palavra:

"Afirmo ao senhor do que vivi; o mais difícil não é ser bom e proceder honesto; dificultoso mesmo é saber definido o que quer, e ter o poder de ir até o *rabo da palavra*" (Grifo nosso, Rosa, 1963:166)⁶

No que Riobaldo constantemente se debate, é na constatação que só ao chefe cabe a palavra...que o bando todo obedece, "faz parte com todos". Ou, numa fala de Joe Bexiguento: "Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio..." (Rosa, 1963:210)⁶

Já Riobaldo: "Tive testa. Pensei em nome feio, O que achassem!... mas ninguém ia manusear meu ser, para brincadeiras. Digo definitivo: sou de ser e executar, não me ajusto de produzir ordens..." (Rosa, 1963:78)⁶

Mas por que essa diferença entre Riobaldo e o resto do bando? Ora, porque já ao entrar no bando, Riobaldo tem o sentimento de que: "Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo. Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa" (Rosa, 1963:310)⁶

Por que é que Riobaldo pode afirmar que "quase que nada não sei?" Riobaldo traz um reconhecimento prévio que constantemente faz questão de nos lembrar:

"Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações , regra de três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah!, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismando de ladino" (Rosa, 1963:15-6)⁷. Voltamos a esse Mestre e à importância do reconhecimento que é vindo dele. Por ora avancemos

no exame do ato que fará de Riobaldo agente de sua própria fala ... tendo como pano de fundo esse reconhecimento que ele faz questão de ressaltar.

A cena a que nos referimos coincide, como afirmamos, com a metade do romance. Riobaldo havia sido do bando de Zé Bebelo... por quem primeiro fora contratado como professor. Disputa no bando duas batalhas, atinge fama de grande atirador. Abandona o bando, e por um casual encontro, ou melhor, reencontro com Diadorim, ingressa no bando de Joca Ramiro. Começam, então, lutas entre o bando de Joca Ramiro, ao qual Riobaldo agora pertence, e o bando de Zé Bebelo, ao qual pertencera.

Pois bem, numa das batalhas Zé Bebelo é derrotado e preso. A esta altura Riobaldo e Diadorim já compartilham de estreita amizade. Contra as praxes do bando, Zé Bebelo exige julgamento ... Joca Ramiro concede. E a esse julgamento que dedicaremos nossa atenção agora. Pois que, quando da prisão de Zé Bebelo, enquanto Riobaldo teme que o matem, Diadorim exulta: "Vencemos, Riobaldo! . Acabou-se a guerra". É nesse clima, portanto, que o julgamento acontece. E após abri-lo, Joca Ramiro, o Chefe, concede a palavra aos sub-chefes.

Garbuglio², assim analisa o julgamento, que entende capital no desenrolar do romance: divisor de águas de uma primeira parte onde a narrativa transcorre confusa, caótica até, para uma segunda onde Riobaldo é o eixo da ação; começando pelo que relata Riobaldo acerca das qualidades e das possibilidades dos componentes do grupo:

"Há os que não sabem falar, apenas conseguem produzir guinchos e grunhidos: Hermógenes, Sô Candelário no momento em que a linguagem assume função de primeira grandeza, porque se constitui no eixo da ação e se transforma em instrumento de perigosa aplicação (aliás a paralisação das

atividades de luta implica sempre o predomínio da linguagem). Existem, também, os que falam sem ter o que dizer.

De um modo ou de outro, todos acatam de bom grado ou constrangidos, principalmente os sub-chefes, a especial concessão do Chefe que lhes facilita a palavra, mas quase todos falam como subordinados, depois de pedir licença e, em geral, para concluir com os mesmos argumentos de Joca Ramiro. Sentem de antemão a impossibilidade de mudar o rumo das decisões, pelo hábito de acatar, sem discutir, as ponderações dos chefes.

O Hermógenes fala desarrazoadamente, sem poderar coisa alguma, e insistindo no princípio de sangrar, matar, para concluir: ... "É o que eu acho! É o que eu acho!" (Rosa, 1963:261)⁶. Sô Candelário só faz dizer que quer enfrentar o inimigo a faca, mas nele não via crime nenhum e "mais longe não conseguia de dizer, só repetia aquilo, desafio, e no mais se mexer, feito são-guido ou escaravelho" (Rosa, 1963:236)⁶; e João Goanhá: "Eu cá, chê, eu estou p'lo ché pro fim expedir..." (Rosa, 1963:267)⁶ e nada mais consegue. Em todos eles, embora sub-chefes, está ausente uma das características fundamentais da chefia: a fala, a voz de comando, princípio fundamental para orientar os acontecimentos ou mudar seu curso.

Por fim, nessa assembléia olímpica em pleno sertão, a palavra é aberta a todos, e "o solo treme ao pé dos deuses". Riobaldo se inflama, mas quem fala é o Gu ..." Com vossas licenças, chefe, cedo minha *rasa opinião*" (Rosa, 1963:269)⁶ - grifo meu). Aí então Riobaldo toma a palavra: "Dê licença, grande chefe nosso, Joca Ramiro, que licença eu peço! O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posso ficar..." (Rosa, 1963:270)⁷ e assim expõe as razões mais ponderadas, justas e acatadas para o julgamento de Zé Bebelo, salvando-o da

morte. Seu argumento básico é o de que conhece o réu, afirmando que ele não consente em matar seus prisioneiros. Fato que mostra já a incorporação de princípios do próprio Zé Bebelo que passam a funcionar como norma de procedimento.

O mais importante, contudo, é que ao contrário dos demais jagunços, Riobaldo não apenas fala bem e convincentemente, mas sobretudo impõe sua fala como um direito de falar e atuar, arrastando em sua atitude o perigo que ela implica, quer pelo uso dos significantes, quer pelo significado e atitude...

... Ao assumí-la (a palavra), assume também o perigo que ela envolve, como coisa difícil de manipular e de aprender, mas lhe dá a consciência de que está atuando no rumo dos acontecimentos".

E, mais abaixo, nas palavras do próprio Riobaldo: "O silêncio todo era de Joca Ramiro. Era de Zé Bebelo e de Joca Ramiro. Ninguém não reparava mais em mim, não apontava o eu ter falado forte solene, o terrivelmente: e então, agora, para todos os de lá, eu não existisse mais existido? Só Diadorim, que quase me abraçava:... "Riobaldo, tu disse bem! Tu é homem de todas as valentias..." ...Diadorim mais me disse: e que tinha sido menos por minhas tantas palavras, do que pelo rompante brabo com que falei, acendido, exportando uma espécie de autoridade que em mim veio" (Rosa, 1963:273-4)⁶

A partir daqui no romance, como dissemos, Riobaldo é o eixo no qual se apoia a narrativa. Pois bem, já temos aqui todo o material do romance que ilustrará nossa tentativa de avanço no entendimento do Acompanhamento Terapêutico.

Mas se, como dissemos, o acompanhamento é uma companhia na ação, qual a necessidade de estudo da palavra que aí entra em cena? Respondemos que, apesar

de ser a ação a tônica do Acompanhamento, o paciente nos fala e: "A evidência do fato não desculpa que se o negligencie. Ora, toda fala chama resposta" Lacan³.

Interessa-nos estudar a trajetória de Riobaldo rumo a esse entendimento que ele busca e que culmina no narrar ao ouvinte suas aventuras e seus pensamentos acerca delas. Culmina, em outros termos, com a produção do texto da narração, que porá "ordem ao suceder".

É-nos possível perceber que, no meio onde vivia, isso só seria possível a Riobaldo mediante a passagem pela chefia do bando... único lugar onde a palavra era possível. Sua ascensão à palavra passa, portanto, por sua ascensão à chefia ... mas não pára nela ...já que, somente posteriormente, narrando e *ouvindo* o visitante de "suma doutoração" é que poderá entender o que já sabia.

Por outro lado, a ascensão de Riobaldo a esta palavra que lhe confere entendimento é marcada por alguns reconhecimentos... palavras vindas de outros. Escandiremos essa trajetória em quatro momentos-chave ... tendo por eixo os reconhecimentos que Riobaldo se faz através de outros. O livro não contém todos os fatos da vida de Riobaldo; o que nos interessa aqui são os "*pontos decisivos da articulação simbólica*" "...é o que se tornou verdadeiro na história que conta e funciona" (Lacan, 1985:131)⁴

Vale insistir na arbitrariedade da tomada desses "*pontos decisivos da articulação simbólica*" ... pontos tomados ao acaso talvez, no livro, já que outros também concorrem no sentido a que nossa escansão aponta. Pontos esses tomados como tangenciais a uma circularidade ... onde a quantidade de um investimento afetivo é transformada na qualidade de um salto simbólico ... cabendo aqui uma concepção dialética em espiral.

Pensem, pois, essas escansões separadamente, relacionando o romance com o Acompanhamento propriamente dito.

1^a Escansão - Tempo que culmina com um primeiro reconhecimento, e que é essencialmente familiar. Definitório de todo o desenvolvimento ulterior do sujeito, esse tempo e esse reconhecimento incidirão sobre todos os outros. Obviamente o acompanhante não tem acesso a ele, senão pelo fato de que se presentifica: tem, no entanto, acesso muitas vezes à família... seja por um trabalho em equipe em que a família recebe atenção específica, seja pela entrada, enquanto acompanhante mesmo, no espaço familiar.

2^a Escansão - Na qual atribuimos a passagem pelo Curralinho, e a relação com o Mestre Lucas, como ponto privilegiado na articulação da entrada, para Riobaldo, num novo tempo.

É através da noção de "conhecimento paranóico", nos moldes em que Lacan o descreve, que a leitura do livro nos interessará. Nossa questão é, pois, a de como tratar essa fala que o paciente nos emite. Se o paciente nos fala, e essa fala chama resposta, devemos situar esta fala e nossa possível resposta no contexto do Acompanhamento. Comecemos por pensar esse "conhecimento paranóico".

Segundo Lacan: "Todo conhecimento humano se origina na dialética do ciúme", que é uma manifestação primordial da comunicação. Trata-se aí de uma noção genérica observável, behavioristicamente observável. O que se passa entre criancinhas comporta esse transitivo fundamental que se exprime no fato de que uma criança que bateu numa outra pode dizer: o outro me bateu. Não que ela minta ... ela é o outro, literalmente.

Aí está o fundamento sobre o qual se diferencia o mundo humano do mundo animal. O objeto humano se distingue por sua neutralidade e por sua proliferação indefinida. Ele não é dependente da preparação de nenhuma coaptação instintual do sujeito, como há coaptação, aglutinação de uma valência química com outra. O que faz com que o mundo humano seja um mundo coberto de objetos se acha fundado nisto: o objeto de interesse humano é o objeto do desejo do outro.

Como isto será possível? É que o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência. Ele é originariamente coleção incoerente de desejos ... aí está o verdadeiro sentido da expressão corpo espedaçado ... e a primeira síntese do ego é essencialmente alter ego, ela é alienada.

O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que ele lhe dá a sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto de desejo do outro. Isso define, no interior da relação da fala, alguma coisa que provém de uma outra origem ... é exatamente a distinção do imaginário e do real. Uma alteridade primitiva está inclusa no objeto de rivalidade e de concorrência. Ele só interessa enquanto objeto de desejo do outro.

O conhecimento dito paranóico é um conhecimento instaurado na rivalidade do ciúme, no curso desta identificação primeira que tentei definir a partir do estádio do espelho. Essa base rivalitária e concorrencial no fundamento do objeto é precisamente o que é separado na fala, na medida em que faz intervir o terceiro. A palavra é sempre pacto, acordo, há um entendimento, chega-se a um acordo ... isto é para você, isto é para mim, isto é isto, isto é aquilo. Mas o caráter agressivo da concorrência primiti-

va deixa a sua marca em qualquer espécie de discurso sobre o pequeno outro, sobre o Outro enquanto terceiro, sobre o objeto. O testemunho, não é por acaso que isto se chama em latim *testis*, e que se testemunha sempre em cima dos próprios colhões. Em tudo que é da ordem do testemunho, há sempre empenho do sujeito, e luta virtual a que o organismo está sempre latente.

Essa dialética comporta sempre a possibilidade de que eu seja vigorosamente intimidado a anular o outro, por uma simples razão. O ponto de partida dessa dialética sendo minha alienação no outro, há um momento em que posso ser colocado em situação de ser eu mesmo anulado porque o outro não está de acordo. A dialética do inconsciente implica sempre, como uma de suas possibilidades, a luta, a impossibilidade de coexistência com o outro". (Lacan, 1985:50-1)⁴

Ou ainda, melhor analisando esta função de Mestria, que o outro exerce e que é fundamental para nós aqui; ponto chave da escansão que ora estudamos: "Que noção podemos nos dar do narcisismo a partir do nosso trabalho? Consideramos a relação do narcisismo como a relação imaginária central para a relação inter-humana. O que cristalizou a experiência do analista em torno desta noção? Foi antes de mais nada a sua ambiguidade. E, com efeito, uma relação erótica ... toda identificação erótica, toda apreensão do outro pela imagem numa relação de cativação, se faz pela via da relação narcisica ... e é também a base da tensão agressiva.

A partir do momento em que a noção do narcisismo entrou na teoria analítica, a nota da agressividade foi posta cada vez mais no centro das preocupações técnicas. Mas a sua elaboração foi elementar. Trata-se de ir mais longe.

É exatamente para isso que serve o estádio do espelho. Ele põe em evidência a natureza desta relação agressiva e o que ela significa. Se a relação agressiva intervém nessa formação chamada o eu, é que ela a constitui, é que o eu é desde já por si mesmo um outro, que ele se instaura numa dualidade interna ao sujeito. O eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro, e que instaura em sua função de domínio no cerne de si mesmo. Se em toda a relação, mesmo erótica, com o outro, há um eco desse relação de exclusão, é ele ou eu, é que, no plano imaginário, o sujeito humano é assim constituído de forma que o outro está sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele, que nele há um eu que sempre é em parte estranho a ele, senhor implantado nele acima do conjunto de suas tendências, de seus comportamentos, de seus instintos, de suas pulsões.

Eu não faço aqui nada mais que exprimir, de uma maneira um pouco mais rigorosa e que põe em evidência o paradoxo, o fato de que há conflitos entre as pulsões e o eu e que é preciso fazer uma escolha. Há as que ele adota, é o que se chama, não se sabe por quê, a função de síntese do eu, já que, ao contrário, essa síntese não se realiza jamais ... seria mais vantajoso dizer função de mestria.

E esse senhor, onde está ele? No interior, no exterior? ele está sempre no interior e no exterior, é por isso que todo o equilíbrio puramente imaginário para com o outro está sempre condenado por uma instabilidade fundamental" (Lacan, 1985:110-1)⁴

Instabilidade esta que só encontrará o limite do suportável através da eleição, da possibilidade de surgimento deste senhor fora... fundamento tanto da instabilidade quanto da possibilidade de suportá-la através de uma dialética de identificações. Daí a importância de Mestre Lucas para Riobaldo.

A passagem de Riobaldo pelo Currallinho, sua relação com Mestre Lucas, é a primeira relação com um saber que leva este nome. Não é uma transferência o que Riobaldo faz com Mestre Lucas ... é a instalação “no cerne de si mesmo” de um lugar de saber assim reconhecido e nomeado. Mestre Lucas não só ensina, mas faz disso seu ofício. Para Riobaldo, Mestre Lucas não só sabe, mas reconhece e assume seu saber a ponto de fazer desse saber, e do ato de transmití-lo, um ofício.

A relação de Riobaldo com Mestre Lucas é portanto uma relação fundada na atividade, na ação... marcada pelo afeto que subjaz à transmissão e à construção compartilhada de conhecimento.

3^a Escansão -Como dissemos, a análise do livro através das quatro escansões que propusemos à trajetória de Riobaldo, referia-se a um acesso à fala que haveria de passar necessariamente pela chefia do bando. Dizíamos que tal trajetória havia sido marcada por reconhecimentos ... reconhecimentos esses determinantes no que entendemos como os pontos decisivos da articulação simbólica. Justificamos a importância desses reconhecimentos devido à relação eminentemente agressiva que intervém na formação do eu ... que a constitui.

Na segunda escansão mostramos como um desses reconhecimentos importa ser vindo a partir de um lugar de saber assumido enquanto tal ... a crença de que o achavam “sofismado de ladino” foi determinante, para Riobaldo, de toda a sua trajetória posterior. Essa terceira escansão refere-se não a um saber, mas a um afeto.

Uma passagem do livro que bem ilustra a que reconhecimento essa escansão se refere é aquela, já citada, em que Riobaldo toma a palavra no julgamento de Zé Bebelo. E, após ter falado, ninguém repara mais nele. O silêncio se faz, mas já é de Zé Bebelo

e de Joca Ramiro. Diz Riobaldo: “... e então, agora, para todos os de lá, eu não existisse mais existido? Só Diadorim, que quase me abraçava: ...” Riobaldo, tu disse bem! Tu é homem de todas as valentias ...” ... Diadorim mais me disse: e que tinha sido menos por minhas tantas palavras, do que pelo rompante brabo com que falei, acendido, exportando uma espécie de autoridade que em mim veio” (Rosa, 1963:273-4)⁷

Para Diadorim, o “amor neblina” de Riobaldo, não são tanto as palavras, mas o modo como ele as enuncia que importa.

4^a Escansão -Riobaldo torna-se chefe do bando. Diadorim e Hermógenes morrem. Riobaldo assume a pacata vida de fazendeiro, herdando as terras do padrinho e pai Selorico Mendes. Casa-se com Otacília, seu “amor remanso”.

Chega o tempo de range-rede ... o tempo de narrar o vivido e formar, nesse narrar, um entendimento. Não há mais necessidade nem motivo para reconhecimento: há diálogo, conversação. Diálogo e conversação que, talvez, uma companhia na ação ajude a alcançar.

E o livro termina: «E, o pobre de mim, minha tristeza me atrasava, consumido. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento de respirar me sacava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade dele não me desse repouso; nem o nele imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado. Para quê eu ia conseguir viver? Mas o amor de minha Otacília também se aumentava, aos berços primeiro, esboço de devagar. Era.

Passado esse tempo, conforme foi, pouca tardança. Mas, então, quando se estava de volta, m’embora vindo, peguei uma inesperada informação, na Barra de Abaeté. De

Zé Bebelo! Tinha mesmo de ser. Não sei por que foi, que com aquilo me renasci. Que Zé Bebelo estava demorando léguas para cima, perto do São Gonçalo do Abaeté, no Porto-Passarinho. Me fiz para lá. E como era, que, antes e antes, eu não tivesse pensado em Zé Bebelo? Trote tocamos, viemos, beirando aquele rio. O senhor sabe ... o rio Abaeté, que é entristecedor audaz de belo: largo tanto, de morro a morro. E em minha vida eu já pensava.

Zé Bebelo gritou: ... “Safa! Safas! ...” e me abraçou como amigo cordial, contente de muito me ver, constante se nada tivesse destruído o nosso costume. Conto que estava o mesmo, aposto e condizente. ...” Tudo viva!, Riobaldo, Tatarana, Professor ...” ele concisou ... “Tu quis paz?” Sagaz assim me olhava, chega me cheirar só faltasse, de tornados a encontrar no curral, como boi a boi. Disse que eu estava feliz, mas emagrecido, e que encovava mais os olhos.

...” Estais p’ra trás ... Sabe? Negociei um gado ... Mudei meus termos! A ganhar o muito dinheiro ... é o que vale ... Pó d’ouro...” ... o que ele me disse.

E era a pura mentira. Mas podia ser verdade. Porque ele, para se viver, carecia daquela bazofia, forte mestreava. Como logo me pregou. ...” Há-te! Acabou com o Hermógenes? A bem. Tu foi o meu discípulo...Foi não foi?”

Deixei: ele dizer, como essas glórias não me invocabam. Mas, então, ele não me entendendo, esbarrou e se pôs. Cujo: ... A bom, eu não te ensinei: mas bem te aprendi a saber certa a vida ...” Eu ri, de nós dois. Três dias falhei com ele, lá no Porto-Passarinho.

E Zé Bebelo corrigiu, para eu ouvir, os projetos que ele tinha. Aí, ái, fanfarrices. Não queria saber do sertão, agora ia para capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado. ... “Lá eu quero

deduzir meus feitos em jornal, com retratos... A gente descreve as passagens de nossas guerras, fama devida...” ... Da minha, não senhor!” ... eu fechei. Distrair gente com meu nome ... Então ele desconversou.

Mas, naqueles três dias, não descansou de querer me aliviar, e de formar outros planejamentos para encaminhar minha vida. Nem indenizar completa a minha dor maior ele não pudesse. Só que Zé Bebelo não era homem de não prosseguir. Do que a Deus dou graças!.

Porque, por fim, ele exigiu minha atenção, e disse: ... “Riobaldo, eu sei a amizade de que agora tu precisa. Vai lá. Mas, me promete: Não adia, não desdenha! Daqui, e reto, tu sai e vai lá. Diz que é de minha parte... Ele é diverso de todo o mundo.”

Mesmo escreveu um bilhete, que eu levasse. Ao quanto despedi, e ele me abraçou, senti o afeto em ser de pensar. Será que ainda tinha aquele apito, na algibeira? E gritou: ... “Safas!” ...: maximé.

Tinha de ser Zé Bebelo, para isso. Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. Porque o bilhete era para o Compadre me Quelemém de Góis, na Jijujá ... Vereda do Buriti Pardo. Mais digo? O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lâla. Tudo o branquinho. Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letras, biból, e musulim. O senhor vai ver pessoas de tal rareza, como perto dele todo-o-mundo pára sossegado, e soridente, bondoso... Até com o Vupes lá topei.

Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência ... calma de que minha dor passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha,

assaz. Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei: ... "O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!"

Então ele sorriu, e pronto sincero, e me vale me respondeu: ..."Tem cisma não. Pensa para diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais..." E me cerro, aqui, mire e veja.

Isto não é o de um relator passagens de sua vida, em toda a admiração. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras.

Cerro. O senhor vê. Contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro Para a yelhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco ... que de tão grande se comparece ... parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe.

Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nondada. O diabo não há! E o que eu digo, se for ... Existe é homem humano. Travessia."

BRAGA FILHO, L. G. As to, closely following therapy: outline of a profane therapy. Rev. Ter. Ocup. USP, 2 (4): 146-56, 1991.

ABSTRACT

Through the conception of a "closely followed" therapy based on "personal attention during an action"; the author is trying to analyse two different approaches of the "closely followed therapy".

A) Searching to place the action in the inherent subjectivity.

B) Trying to put into context under which the "closely following" therapy comes to pass.

Making use of the conceptions exposed by Jacques Lacan concerning "paranoiac Knowledge", the author proposes to devide into four parts the narration of the book written by João Guimarães Rosa, namely "Grande Sertão : Veredas".

These four parts are to be understood as "turning points of the symbolic formation" of the character Riobaldo, in which it would be necessary to search for other different approaches in therapy.

KEYWORDS

Psychoanalytic therapy, methods. Interprofessional relations.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GALVÃO, W.N. As formas do falso: um estudo sobre ambiguidades no Grande Sertão: veredas São Paulo, Perspectiva, 1972.
2. GARBUGLIO, J.C. A estrutura bipolar da narrativa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983. p.432 (Coleção Fortuna Crítica, v.6).
3. LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
4. LACAN, J. O seminário: as psicoses. Rio de Janeiro Zahar, 1985. v.3.
5. LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma. In: Lacan, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
6. ROSA, J.G. Grande sertão: veredas. 3 ed. Rio de Janeiro, J. Olimpio, 1963.
7. SANTOS, P.T. O diálogo no Grande sertão: veredas. São Paulo, Hucitec, 1978. p. 11